

Atualização do ciclo artúrico em *Galván en Saor*

MARIA CAROLINA VIANA VIEIRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O imaginário europeu bebe da matéria de Bretanha desde que, no século XII, o bispo gaulês Geoffrey de Monmouth ofereceu, na *Historia Regum Britanniae*, o primeiro universo artúrico escrito e desde que, em décadas posteriores, o poeta francês Chretien de Troyes o enriquecesse com os romances *Camelot* e *Lancelot, Perceval ou Romance do Graal*, dentre outros. A sedução por este mundo idealizado e idealista originará ao longo dos séculos e até hoje uma prolixa e fascinante literatura, que encontrará solo fértil em terras galegas.

As primeiras obras em prosa da literatura galega são, precisamente, relatos traduzidos da matéria artúrica que remontam ao século XIII. Não podemos nos esquecer, portanto, do grau de popularidade destes relatos artúricos na área cultural de expressão galego-portuguesa¹ e do poder que as lendas ligadas a figura mítica do rei Artur desempenharão na formação do imaginário e da escrita deste povo.

Tentaremos mostrar neste trabalho a importância do fazer literário em língua pátria para o intelectual galego, assim como a necessidade de se forjar, com a palavra, uma história negada pelo discurso oficial. Iremos perceber que uma reflexão sobre o passado da Galícia como nação silenciada manifestar-se-á na narrativa por meio de uma recorrente tensão entre a ficção e a realidade, entre a historiografia e a utopia imaginária.

Para tanto, teremos como base o romance *Galván em Saor*, de Darío Xoán Cabana, escritor contemporâneo galego que aborda o ciclo bretão em pleno século XX de forma não canônica, proporcionando-lhe novas leituras para (re) construções

¹ Nessa ocasião, galego e português constituíam um único idioma, até que Portugal conseguisse a independência política e se separasse da Gallaecia.

de uma realidade que parece fragmentada diante das idéias de ordem, progresso e civilização, que constituem os pilares da chamada sociedade pós-moderna.

Após uma etapa gloriosa, o galego e sua literatura entram, já no século XIV, em franca decadência e submissão política, econômica e cultural², ficando sob o domínio da coroa de Castela. Isso traz como conseqüência o desaparecimento, durante séculos, da prosa artúrica em galego, uma vez que o castelhano passa a ser o idioma oficial do país, e de toda uma produção literária nacional. Esse quadro estende-se até o século XVIII, quando vozes de denúncia de intelectuais galegos demonstram suas inquietações com o contexto do país, oferecendo propostas renovadoras para a vida econômica, social e cultural galega, as quais serão aperfeiçoadas no século XIX. Ao movimento que resgatou nesse período a cultura nacional e recuperou a tradição literária na língua materna, chamamos *Rexurdimento*, cujos expoentes mais significativos são Rosalía de Castro e Eduardo Pondal.

A produção textual desses dois grandes nomes da literatura é considerada fundacional durante muito tempo pelos próprios protagonistas do sistema literário. Em um contexto cultural como este, no qual a tarefa de construir uma identidade autônoma, independente da cultura do dominador configura-se como prioridade, o discurso literário adquire a máxima importância e, de certa forma, sobrecarrega-se com uma série de funções ideológicas.

É importante ressaltar, nesse momento, a filiação dos historiadores aos literatos na procura pelos sinais de uma identidade galega, que contribuiu para a tomada de consciência de uma raça e espírito nacional próprios, difundidos por meio de artigos históricos, lendas e tradições galegas. O que, sem dúvida, suscitará a busca de um modelo de elevação ético-patriótica.

Todo esse projeto vincula-se ao movimento romântico e às tendências valorizadas pelo mesmo. Privilegiam-se agora o sentimento, a subjetividade, a necessidade de construção da idéia de nação, de pátria, como resultado de todo um processo de formação que se consolida através dos instrumentos socioculturais de um país. Entre os mais importantes temos a língua (manifestada através da escrita) e a história, em particular. Ora, que instrumento cultural pode ser mais legitimador da identidade nacional do que a língua? É através desta que expressamos na forma mais genuína quem somos, compartilhamos saberes e experiências vividos e construímos uma memória coletiva (por meio de imagens que estarão enraizadas na formação de um povo). No texto literário, imagens também iluminam a tentativa de compreender um tempo sentido e vivido no passado, reencontrado no presente pela vontade de lembrar.

² Dentre as causas desta decadência citamos a fixação em território galego de uma nobreza estrangeira intransigente, co a cultura e língua galegas, a ausência de uma burguesia capaz de defender o país dos interesses dos dominadores espanhóis e a perda da autonomia da Igreja galega.

Daí a importância da literatura como forma de manifestação artística que toma parte nesse projeto de construção da nacionalidade e, no caso em questão, de uma nacionalidade galega. Provavelmente, nesse momento, já possamos reconhecer melhor a importância da escrita dentro do projeto de (re)construção da língua galega, silenciada durante séculos.

A capacidade de poder tornar visível o que não o é necessariamente fará com que a literatura definitivamente seja convidada, por meio da ficcionalização da História, a participar do projeto de construção de identidade nacional.

A preocupação com a questão da nacionalidade, da pátria, da identidade coletiva, que caracteriza e singulariza um povo diante do universal, do paradigma aceitável como verdade única, iniciada na Galícia «coincidentemente» com o movimento romântico, não é exclusividade galega. Muitos países europeus manifestam sua vontade de consolidação de uma imagem-país que refletisse suas particularidades, sua unidade dentro da diversidade. Os limites entre o que se considera como real e o imaginário serão, por vezes, tênues, rompendo com a ordem estabelecida e fazendo com que o inadmissível surja no seio da inalterável legalidade cotidiana do texto, para provocar no leitor uma reflexão sobre o próprio mundo, sobre a vida e sobre os diferentes fantasmas produzidos por cada sociedade.

Na tentativa de construção de uma imagem-pátria, muitos países se voltam para um pretérito glorioso, para uma tradição histórica memorável, heróica, no intuito de resgatar no presente suas respectivas raízes. Nesse processo flagramos, por parte daqueles que tinham o que lembrar, uma seleção dos feitos notórios, uma apropriação de reminiscências, as quais tentam corresponder a uma verdade, a verdade dos vencedores. Seria uma espécie de «poética da restauração», pois a possibilidade de preenchimento do vazio do discurso histórico, de sobrevivência da memória esfacelada, consistia na recriação do que Walter Benjamin chama de «ruínas». E, aqueles cujas tradições eram consideradas inexpressivas para o projeto que se objetivava ou que simplesmente não possuíam uma História reconhecida e comprovada, compensavam essa ausência com a criação de tramas ficcionais. Onde faltavam fatos e fontes, a imaginação se revela um guia precioso (muitas vezes até legitimando fontes orais e populares).

Para o intelectual galego do século XIX, havia uma necessidade de afastamento da imagem do dominador e de toda a ameaça representada pelo mesmo na reelaboração e organização das letras galegas, para a consolidação do sistema literário e formação de uma imagem nacional coesa. O que se busca então é um discurso-histórico³ que

³ Esta expressão traz em seu bojo um dualismo conveniente: atende ao «mito da verdade», necessário para que o discurso tenha validade e sugere o caráter ficcional que perpassa qualquer construção discursiva.

legitimasse de alguma forma uma tradição galega digna de ser cantada e por que não imitada?

Idealistas e nutrindo o sentimento de «bardos predestinados a guiar seu povo cara a un futuro glorioso» (Vilavedra, 1999:133), pensadores como Eduardo Pondal (no campo literário) e Manuel Murguía (no âmbito histórico) inspiram-se em um possível manuscrito gaélico (*Lebor Gabala Erenn* – Libro das Invasións), que remonta à Idade Média, para fazer referência a um hipotético passado em comum dos galegos com o povo celta.

Segundo esse manuscrito, a nação galega teria surgido com a instalação dos celtas em território galego. Trata-se do mito de Breogán, que legitima não só a origem céltica da Galícia, como a coragem e o empreendimento de um povo guerreiro e destemido, valores altamente exaltados na poesia de Pondal. Aliás, não podemos considerar aleatório o fato de que a letra do atual hino galego seja inspirada no poema «Os pinos», deste mesmo escritor.

Antigos mitos celtas, como por exemplo, os que constituíram fontes dos principais temas arturianos, representam imagens com as quais os galegos gostam de se identificar porque os ajudam, de certa forma, a compreender os arquétipos culturais. Bem parecido com o redespertar dos adormecidos, o interesse pela cultura celta é quase como a procura de crianças adotadas pelos seus pais biológicos.

Assim como nos mostra a lenda, que faz Artur e seus guerreiros esperarem debaixo da terra, num sono mágico, pelo retorno de seu triunfo, flagramos um país que reclama e busca incansavelmente, através de seus «bardos», toda uma tradição mítica, heróica, capaz de (re)afirmar uma identidade única, singular.

É esse valor e essa preocupação constantes que condicionarão a produção textual desde o *Rexurdimento* até à atualidade. A história do povo galego passa a ser contada e imortalizada, pois, pelos diversos escritores e poetas, os quais podemos comparar aos cavaleiros da Távola Redonda. Assim como estes defendiam a justiça, aqueles seguem escrevendo em galego, na defesa da língua, que mesmo protegida atualmente por legislação vigente, através de uma proposta de Normatização Lingüística, não pode ser considerada a forma padrão, já que não é utilizada em todos os âmbitos da comunicação. Logo, a literatura configura-se não como uma arma de guerra, mas como uma arma poderosa de pensamento, que tem uma tarefa fundamentalmente patriótica e política de produzir uma modificação no mundo circundante.

Como já foi apontado anteriormente, o universo artúrico é bastante cultivado pelos escritores galegos e faz parte do imaginário coletivo há séculos. Contudo, as lentes utilizadas pelos intelectuais para relerem essa tradição variam de acordo com as mudanças sentidas pela sociedade ao longo dos tempos e de acordo com o contexto (social, político, econômico) no qual se inserem.

No século XIX, há toda uma idealização em torno dessas lendas, um verdadeiro apelo ao passado mítico e esplendoroso, como forma de exaltação do sentimento patriótico. O discurso literário, que reconstrói o ciclo bretão em Galícia, passa a equivaler ao discurso histórico e vai penetrando no imaginário coletivo, de forma que haja não só o reconhecimento, mas a identificação do povo com uma tradição «reencontrada». Afinal, «na tarefa benjaminiana, a história a ser lembrada e retirada dos escombros seria aquela dos vencedores» (Benjamin, 1989:155). O esquecimento, portanto, de qualquer tradição que comprometa o projeto de construção de uma nacionalidade torna-se imprescindível, na medida em que constitui uma força plástica fundamental para o processo de criação de memória, de vida.

A maneira como o intelectual lida com a memória é o que vai determinar sua produção. Assim, se a escolha no trato com a tradição for feita de forma melancólica, saudosista, o presente não poderá ser transformador, perderá sua força plástica. É preciso, então, ler no presente a tradição como possibilidades do vir a ser.

No século XX, o intelectual galego continua se voltando a esta tradição fantástica da matéria de Bretanha, mas não com um saudosismo nostálgico ou sentimentalista, que acaba paralisando o poder criador. A escrita é colocada sob tensão, os padrões são subvertidos, valores questionados e a leitura que o criador de arte faz da herança cultural passa a ser feita através de filtros diversos (da religião, da política etc), que tentam captar de alguma maneira a complexidade humana e as várias faces do real, apresentando ao leitor uma visão desconstrutivista do conhecimento.

Esses são alguns aspectos que podemos observar em *Galván en Saor*, primeiro romance de Dario Xoán Cabana, que ganha em 1989, ano de seu lançamento, o Premio Xerais. Segundo o autor, «a obra non pretende ser unha imitación dos romans do séc. XII e XIII, porque quixen abordar o ciclo bretón dun xeito non canónico» (*Correo Galego*, 2004).

A opção por não abordar o tema de maneira convencional já pode ser percebida pela escolha do protagonista ou herói de seu romance, o qual é representado diferentemente de algumas narrativas medievais. Galván, na tradição medieval é sobrinho do rei Artur e um dos cavaleiros da Távola Redonda, que empreende com (o) os demais uma peregrinação que objetiva o Graal, objeto sagrado e enigmático que revela imagens equívocas e obscuras como o destino do homem. Alguns textos que remontam ao século XIII (*A Demanda do Santo Graal* e *A morte de Artur*, por exemplo) e que trabalham com a figura deste personagem, apresentam-no como «cavaleiro do diabo», pois durante a sua busca não apresenta os predicados necessários para o exercício de sua função. É claro que também são apresentadas algumas virtudes, como bravura, coragem, empreendimento, mas essas não se sobrepõem às faltas.

No romance contemporâneo, deparamo-nos logo no início com duas questões interessantes: o protagonista é um homem de certa idade («Era um cavaleiro cincuentón,

moi honestamente vestido[...]» Cabana, 2002:08), que sabe que vai morrer na última batalha, perdida de antemão («Sabe que me propoño regressar a Bretaña cando se consume o noso tempo, porque ti tesme dito que o destino dum home é morrer cando lhe chega a súa hora» Cabana, 2002:19). Ora, esse modelo de herói já foge de imediato àqueles tradicionais, onde essa figura era idealizada e, portanto, considerada imbatível.

Neste romance, Cabana demonstra que recebe a herança cultural em fragmentos, porque a subjetividade também está fragmentada. E, no processo de atualização do mito, o resgate do pretérito utópico é feito não para lermos nele as conseqüências do agora, e sim para que seja subvertida a ordem e o tempo que estão idealizados, transformando-os em um poderoso instrumento de reflexão acerca das relações sociais que estabelecem na cultura. Isso é feito através da experimentação de novas formas que não as estereotipadas e creditadas como únicas ou corretas na leitura da realidade. A utilização de elementos fantásticos no processo narrativo que acarretam um rompimento da causalidade do texto no nível do enunciado, acompanhado de uma incerteza e inquietação provocadas no leitor, o qual não consegue construir certezas, também aponta o caráter inovador da escrita de Cabana. O fantástico se desenvolverá dentro de uma perspectiva do possível, onde nos serão apresentadas possibilidades, contradições, interrogações, e não verdades consolidadas e irrefutáveis.

O Galván que nos é apresentado por Cabana se mostra cético em relação à tradição da qual faz parte, que valoriza sobremaneira um pretérito perdido e idealizado que já não tem mais lugar no mundo pragmático e estilizado do presente. O agora que o personagem vive exige heróis que se aproximem mais da condição humana, que tenham fragilidades, angústias, desejos, como qualquer homem. E vontade de vida, vida criadora, que gera, que tropeça, que reconstrói, e não cessa nunca sua busca diante do inatingível, reconhecendo, inclusive esta condição. É por isso que não cabem nesse contexto arquétipos determinados, acabados, como reconhece, através de uma crítica, o próprio Galván: «era ben mellor que xentes coma Perceval e Galaaz entrasen nun mosteiro e non quixesen convertelo mundo en convento de alucinados [...]» (Cabana, 2002:17).

O herói fala de seus companheiros Galaaz e Percival, predestinados pela tradição textual à contemplação do vaso, como se fossem dois alienados e fanáticos religiosos, limitados, portanto, para a leitura da realidade. Nesta narrativa, o personagem parece ter sofrido o processo de evolução. As desgraças que ocorreram outrora, configuram-se como um aprendizado da condição humana tornando o herói mais digno e maduro para atuar no mundo em que se insere. Para o personagem, o destino existe, tanto que vai ao encontro dele, mas há escolhas e caminhos a serem traçados que influenciam o curso da vida e são movidos pela vontade humana.

Em outros momentos, observamos que o poder de persuasão, o dom da oratória e o domínio da lírica valem mais do que qualquer justa. Não é por acaso que o

personagem é mostrado ao longo do texto como um ótimo articulador, o qual tem no bem falar, na competência em se expressar, a maior representação do seu valor.

Galván poderia ser lido, pois, como uma metáfora política da Galícia, representando, através da peregrinação que se efetiva em solo galego, um caminho a ser percorrido pelo país, a fim de que através de sua história, o propósito de seu povo de encontrar-se seja realizado numa busca incansável, materializada na escrita.

A literatura galega, portanto, representa uma força política, uma maneira do intelectual tentar entender o que é ser galego, o que é nação, o que é país. É através da escrita que terá voz um passado silenciado. Só através de uma imagem-país inventada é que se construirá um imaginário coletivo, importante para a consolidação de uma indiossincrasia nacional.

Por meio de uma mitoanálise, sob uma perspectiva crítico-reflexiva, o intelectual contemporâneo pode observar como antigas imagens conseguem se manter sustentadas num presente obcecado pelo mito do progresso, utilizando-as como lentes que o auxiliarão a questionar valores cristalizados, rever possibilidades e inventar realidades, na busca por uma nova mentalidade galega.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Benjamin, W. (1989): «Sobre o conceito de história». In *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense.

Cabana, D. X. (2002): *Galván en Saor*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

ENTREVISTA. *Correo Galego*, Vigo, edição do dia 4 de maio de 2004.

Nietzsche, F. (2003): *Segunda consideração intempestiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Vilavedra, D. (1999): *Historia da literatura galega*. Vigo: Editorial Galaxia.